

## PREÂMBULO

### REPUTAÇÃO

A reputação, a imagem positiva, nossa forma de atuação revelam nosso valor, conferindo-nos visibilidade, confiabilidade, atratividade. Somos seres fundamentalmente sociais e assim devemos nos reger. Em todas as circunstâncias, o diálogo, o fluxo de ideias, o respeito nas relações devem ser ativados como forma de fixação/preservação da individualidade, de crescimento pessoal-emocional, de maturação social, construção espiritual.

O querer o bem, a felicidade alheia, mantendo-se sempre clima de afetividade, tolerância, generosidade, abolindo-se conceitos imediatistas e sectaristas de posse, competição, controle, domínio. Ações construtivas que fortaleçam os vínculos familiares, sociais. Experiências transformadoras que traduzam e conduzam à vivência do bem, da solidariedade, da fraternidade. O trabalhar as virtudes cardiais, como nos propõem Platão e Aristóteles, em suas imortais lições, dentre elas a justiça, a fortaleza, temperança, prudência. Virtudes que sempre andam juntas, se sustentam, o “justo meio”, o equilíbrio e harmonia que devem predominar em todas nossas ações. “Queira para o outro o que queres para ti”

Segundo Gramsci, o otimismo da vontade se opõe ao pessimismo da inteligência. Assim os problemas devem ser vistos como oportunidades, desafios, amplas perspectivas de progresso e não como justificativas para o comodismo, a inércia. Valores com base na beleza, no humanismo, na cultura, na arte, no despojamento, de forma a se constituir uma sociedade mais justa, igualitária. Inconcebível um mundo, no qual, segundo a Forbes, 85 pessoas (as mais ricas do planeta) detêm um patrimônio equivalente a 3,5 bilhões de pessoas, ou seja, a metade da população mundial. Desigualdades sociais, econômicas, ambientais desestabilizam sistemas, provocam revoluções, convulsões. Problemas que afligem governos, regimes, povos, a humanidade e que se resumem na acumulação e remuneração do capital, do desproporcional crescimento entre renda versus produção.

### O médico, a pandemia, a missão de salvar vidas

A Gripe Espanhola saiu dos livros de História e voltou aos debates sanitários em 2020. Diante do avanço do novo Coronavírus, muito foi discutido sobre o que a pandemia de 1918 ensinou à Medicina e ao convívio social em momentos de crise. Para o Campo das Vertentes, em especial, pode-se falar em força e inspiração. Em 1918, quando a temida gripe assolou o Brasil, um médico são-tiaguense atuante na Santa Casa da Misericórdia, em São João del-Rei, lutou sozinho contra a doença, o que fazia percorrendo a cavalo toda a cidade, diuturnamente, dando assistência a toda população". Conheça a trajetória do Dr. Antônio de Andrade Reis.

Págs. 03

### Religiosidade múltipla - e seus episódios polêmicos

Crenças, ritos e devoção estão no DNA brasileiro e perpassam capítulos diferentes da História mesclando protagonismo, silenciamento, resistência. A começar pelo choque entre as práticas espirituais de comunidades indígenas que já habitavam o território com a catequização católica dos portugueses. "Os diversos componentes culturais, dentre eles os 'mágicos' – fossem eles europeus, negros, indígenas – interagem, transitavam e se mesclavam (dentro do conceito que Mikhail Bakhtin denomina de "circularidade cultural") a permearem hibridamente todos os estratos sociais", destaca texto publicado neste boletim que revisita, também, sistemas de opressão dentro dessa pauta.

Pág. 04

### Vacinação em perspectiva

"Uma publicação no Facebook do grupo Memórias de São Tiago, sobre um quadro de estatística de óbitos/sepultamentos da Paróquia de São Tiago, levantou questionamentos quando foi visto que no ano de 1950 a maioria das pessoas falecidas eram crianças. Ficamos com apenas os dados estatísticos e não procuramos a fundo fazer as leituras dos Termos de Sepultamentos. Participantes do grupo comentaram a questão da Mortalidade Infantil com indignação, pois o número foi grande. Outros disseram que era devido à falta de vacinação e da questão da água tratada, imprescindíveis para que a população não adoça". Outros detalhes em textos de Marcus Santiago.

Pág. 10

# ADIVINHAS

Jarros de Leite: Um leiteiro tem dois jarros vazios de leite, um com-  
porta três litros, o outro, cinco. Como ele pode usar os jarros para  
chegar a exatamente um litro de leite, sem desperdiçar nada?

R.: O leiteiro enche o jarro de três litros e coloca esse volume dentro do jarro de cinco. Depois enche novamente o jarro de três litros e usa esse volume para terminar de encher o jarro de cinco litros. Restará exatamente um litro no jarro de três litros.

## Provérbios e Adágios

- BONS olhos te vejam.
- BATER por trás é covardia.
- BATIDA... só de limão.
- BEBEU, bateu, morreu.
- Botar a mão no fogo.
- Botar o preto no branco.



### Para refletir

• Há certos pensamentos mais fortes que nós. A harmonia é o processo de mútuo ajustamento entre coisas dessemelhantes, de diferentes espécies e de ordem desigual.

(Filolau 470.aC – 385aC).

• O conto do vigário é um laço armado com habilidade à boa fé do próximo ambicioso. É o caso em que os espertos se fazem de tolos e os tolos querem ser espertos e por isso, pagam o pato.

(José Augusto Dias Jr. "Os contos e os vigários – uma história da trapaça no Brasil")

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

### COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO  
APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Davy Antonio Silva Reis

## AO PÉ DA FOGUEIRA

### O JOGADOR

O salão de jogos, bem ali na praça principal, à vista de todos, vivia sempre atulhado, movimentos frenéticos, histéricos que se estendiam até alta madrugada, quando não ao nascer do dia. Jogadores, curiosos, desocupados locupletavam o ambiente, gerando considerável lucro e mesmo aborrecimentos para o proprietário. Mesas de bilhar, de truco, vispora distribuíam-se pelo vasto círculo, embora as condições rústicas – o secular casarão com sinais evidenciados de decadência, paredes carcomidas, forros em frangalhos.

Para pessoas beatas, que por ali transitavam, ao se aproximarem do deteriorado prédio, benzendo-se e persignando-se longamente, porquanto diziam ser ali um lupanar, um antro de salacidade e libertinagem. Perdição certa para jovens e pais de família.

O jogador mais requisitado dali, o mais exímio, certo dia, não aparece. Era por ali, seja por respeito ou gozação, conhecido como "Rei" ou ainda "São Real". Assuntando uns aos outros, os companheiros são avisados de sua súbita, insidiosa enfermidade, logo ele tão expedito, gárrulo ai pelos seus quarenta e tantos anos, quiçá já nos cinquenta.

A alegria do local, a partir daquela noite, não mais seria a mesma. Sensação de vazio, um inexplicável vácuo a perpassar a tudo e todos. Estupefação maior foi a notícia de sua morte, em pleno tratamento médico-hospitalar e de forma atroz. Com consternação, seus amigos e companheiros de jogos, em peso, compareceram às exéquias, levando conforto aos familiares.

Era ele um jogador inveterado, excepcional nas tacadas e blefes, passando noites no bilhar ou no carteadado. Tinha o peculiar hábito de, antes de realizar uma jogada, bater ritmicamente, em repiquete, o taco duas vezes contra o assoalho. Fazendeiro por profissão, por força do jogo, conseguia ainda assim administrar relativamente bem seus negócios e empreendimentos rurais. Por vezes, chegava ao prédio, a cavalo, vindo diretamente do sítio para o vício. Tão arraigado ao jogo, dissera, por vezes, que, mesmo morto, continuaria a frequentar o salão, para ele um santuário, um segundo (ou primeiro) lar. E que daria, do além, sinais concretos de sua presença. Em suma, não deixaria a turma da jogatina na mão...

Rei morto, reiniciados, dai a uma ou duas semanas, os jogos no corroído casarão, não deu outra. O barulho das passadas do "Rei" fez-se soar nítido, recortado, inconfundível. Até mesmo o toque cadenciado, simulando o bater do taco sobre o velho tabuado. O suficiente para que primeiramente os superstitiosos e a seguir os incrédulos ficassem de cabelos eriçados, os pés enregelados e alguns deixando até de frequentar o local.

Naquela noite, trinta dias após seu falecimento, sexta-feira de lua cheia, salão concorrido, jogadores e espectadores envolvidos no azáfama das bulhentas partidas, ei-los sobressaltados por estranhos ruídos vindos da rua. Rangidos e bulícios de metal – ferraduras sobre o tosco calçamento - numa espiral crescente, levando aterrador impacto e suspense a todos. Alguém chegando a cavalo, nítidos o cavaquear de patas, o soprar das ventas do animal, o estalar de rédeas e esporas, o animal parando junto à calçada defronte do salão, o apear característico de cavaleiro, o atrito das pesadas botas de encontro ao passeio, adentrando a comprida sala, com seus painéis de madeira escura, velhos móveis, as encardidas janelas de guilhotina. O roçar de alguém picotando o silêncio que, abrupto, se fizera. O farfalhar de mãos, som do taco tocando duplamente o chão, o aproximar-se da mesa de bilhar... O ricochetear das bolas movidas pelo invisível, tomando célere e inexplicavelmente o rumo das caçapas!

E pessoas abandonando desabaladamente o salão, e que após mais duas ou três manifestações dessa natureza, acabaria por fechar, de vez, as portas...



Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



# Antônio de Andrade Reis É o patrono da Cadeira 6



Antônio de Andrade Reis nasceu no distrito de São Tiago, município de Bom Sucesso, na Província de Minas Gerais, em 16 de novembro de 1882. Seus pais eram os fazendeiros Coronel José Pedro de Andrade Reis e Ana Andrade Reis.

Fez o curso primário na sua terra natal e o secundário, no Colégio Grambery, de Juiz de Fora. Como os seus pais fixaram residência posteriormente em São João Del Rei, ali passou parte da sua adolescência.

Matriculou-se em 1904 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo lá se diplomado em 1910.

Freqüentou a Maternidade das Laranjeiras, onde se dedicou ao aprendizado da Ginecologia e Obstetrícia.

Terminando o curso médico, foi para São João del Rei, onde passou a exercer a profissão na Santa Casa de Misericórdia.

Foi designado “Enfermeiro Mor” na distribuição de cargos da Mesa diretora, em 1915.

Em 1918, quando da pandemia de gripe espanhola que assolou o Brasil, todos os seus colegas da região adoeceram, e assim ele lutou sozinho contra a doença, o que fazia percorrendo a cavalo toda a cidade, diuturnamente, dando assistência a toda população.

Ainda em 1918, juntamente com o Dr. Fausto das Neves, aceitou o encargo de regulamentação dos serviços médicos e cirúrgicos da Santa Casa, sendo designado para dirigir a Maternidade.

Nesse período, toda cirurgia em Minas Gerais era executada apenas em dois centros, um em Belo Horizonte, onde pontificavam Hugo Werneck e Borges da Costa, o outro em Juiz de Fora, com Hermenegildo Vilaça e Edgard Quinet.

São João del Rei, entretanto, tornou-se um centro médico-cirúrgico dos mais conhecidos do Estado graças a Andrade Viegas, Francisco Mourão Filho, Fausto das Neves, J. Martins Ferreira e outros destacados clínicos.

Segundo A. de Melo Alvarenga, “por seu valor, sua tenacidade e sua modéstia, o Dr. Andrade Reis desviou para S.J. del Rei quase toda a cirurgia do Oeste mineiro, parte do Centro e do Sul de Minas”.

Executou as mais difíceis cirurgias do aparelho gênito-urinário da mulher, bem como outras cirurgias atestadas pelos relatórios anuais da Santa Casa.

Em 1923, por sua cultura e seus méritos, já havia conquistado uma posição de destaque no cenário médico-cirúrgico em Minas e no Brasil.

Dirige-se à Europa em viagem de estudos,

freqüentando os mais renomados estabelecimentos médicos de Paris, como as clínicas Faure, Gosset, Marion e Pouchet e, na Alemanha, as clínicas, Bier, Bumm, Eichenbarch, Franz, Hildebrand e Joseph.

Lá adquiriu todo o material necessário para a Santa Casa que dirigia. Em agradecimento aos relevantes serviços prestados na administração, instalação e construção do Pavilhão que estava sendo inaugurado, em 1º de julho de 1923, a Mesa Administradora, consignando em ata, coloca no Salão Nobre o seu retrato, oferecido pelo Corpo Clínico do Hospital que dirige.

Em 1924, candidata-se na classe de membro correspondente, a uma das vagas da Academia Nacional de Medicina, apresentando o trabalho “Gravidez dupla tubária, simulando gravidez tubária e ovariana”, em que aborda etiopatogenia, anatomia patológica, diagnóstico, prognóstico e tratamento, referente a um caso operado por ele, com o auxílio dos Drs. Antônio Viegas e Mourão Filho.

Foi eleito por unanimidade, sendo saudado pelo Professor Miguel Couto.

Dirigiu os serviços médicos da Santa Casa até 1945 e, em março de 1946, fundou a Escola de Enfermagem e Obstetrícia com o objetivo de equipar o hospital com enfermeiros mais eficientes e especializados.

Fundou a Sociedade de Medicina e Cirurgia, da qual foi o primeiro presidente.

Dirigiu a campanha contra duas endemias de tifo, vacinado todos os habitantes do município e extinguindo os focos.

Quando, em 1927, São João del Rei atravessou séria crise política, os dois chefes dos partidos locais fizeram um apelo ao Dr. Andrade Reis, para que ele aceitasse a presidência da Câmara Municipal, o que realizou com sacrifício próprio como prova de apreço à sociedade em que vivia, pacificando e abrandando o ânimo das facções antagônicas. Foi empossado em 17 de maio de 1927 e administrou o município por dois anos, merecendo o reconhecimento e os aplausos de todos.

Faleceu o Dr. Antônio de Andrade Reis, Juiz de Fora, no dia 25 de agosto de 1947, reconhecido por seus méritos.

Fonte: Academia Mineira de Medicina – [www.acadmedmg.org.br/ocupante/antonio-de-andrade-reis](http://www.acadmedmg.org.br/ocupante/antonio-de-andrade-reis)

[HTTPS://MUSEUREGIONALDESAOJOADELREI.MUSEUS.GOV.BR/DIVULGAÇÃO](https://museuregionaldesaojoaodelrei.museus.gov.br/divulgacao)



Corpo Médico da Santa Casa de Misericórdia: doutores J. Martins Ferreira, Francisco Mourão Filho, Fausto das Neves, Antônio Viegas e Andrade Reis

# RELIGIOSIDADE POPULAR, CURANDEIRISMO E REPRESSÃO

A religiosidade popular sempre foi destaque nas Minas dos séculos XVIII e XIX, o que se expressava geralmente de forma associativa e convencionada, por confrarias, irmandades, ordens terceiras, procissões, festas barrocas e devoções as mais diversificadas. A presença de tradições africanas ou mais distensivamente as indígenas, com suas formas e práticas tidas como marginais, se mesclariam ao catolicismo, atendendo às necessidades diárias e de fé de colonos, essencialmente pessoas simples, mestiços e negros. Algo que não passaria despercebido ao poder eclesiástico-inquisitorial. Devassas, inquirições, interrogatórios rigorosos, torturas processadas por clérigos - as célebres varas de vigário geral ou ainda de vigário capitular e de justificação - instaladas pelo Santo Ofício, levariam o terror e o infortúnio a muitos arraiais, vilas e famílias, recaindo sobre pessoas suspeitas ou acusadas da prática de magia, sortilégios, feitiçaria, ainda que manifestações sincréticas ou aculturadas. Tornava-se difícil para as pessoas comuns discernirem o que era certo e o que era infração e o que se vislumbrava aos olhos dogmáticos, inflexíveis de inquisidores e juizes eclesiásticos, que se regiam principalmente pelas “Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia”, com a quase absoluta, total conformação do clero e do povo nos moldes tridentinos<sup>(1)</sup>.

Sempre, ao longo da história, houve e há censores de plantão, donos do poder e da verdade. Esqueçemo-nos, é verdade, de que ninguém, nenhum grupo humano - seja político, religioso, econômico, filosófico - detém o monopólio da verdade. Somos uma sociedade autoritária, desde nossas origens, seja o Estado Colonial que a tudo proibia - teatro, indústria, universidade - sejam setores inquisitoriais da Igreja a tudo policiando e reprimindo. A repressão às manifestações nativas e cultos populares eram, em parte, preconceito ou desconhecimento dos aspectos da vida da gente do campo, povos humildes sempre discriminados e extorquidos pela nobreza e elites, tidos como ralé ignara ou classes de vadios. A crença ou prática de poderes sobrenaturais sempre foram temidas e reprimidas, tidas como um desafio às autoridades e um entrave à fé católica (o que herdamos da Idade Média e Renascença), conectadas elas a interesses “malignos” e “satânicos”, pregação hoje encampada por vários grupos evangélicos.

Intensa a presença de curandeiros, rezadeiras, benzedores, sensitivos que viviam perseguidos pelos qualificadores e visitantes do Santo Ofício (Inquisição)<sup>(2)</sup>. Muitos eram inofensivos, dados a práticas empíricas, avaliadas, todavia, aos olhos histéricos de inquisidores como magia, feitiçaria. Para outros observadores, meras credices, dentre elas as “artes adivinhatórias”, benzeções. As

chamadas “visitas pastorais” eram, na verdade, pequenos tribunais em que visitantes acolhiam e registravam denúncias, punindo os criminosos e hereges. Época de incriminações, maledicências, abusos, em que muitos indivíduos aproveitavam a presença dos visitantes para delatar ou acusar a esmo e levemente seus inimigos pessoais. No final do século XIX e a partir do século XX, em especial com o surgimento codificado do Espiritismo (1857) tais sensitivos, alguns intitulados médiuns, passariam a ser severamente perseguidos também por outros setores não religiosos como associações médicas, ministério público, polícia etc.<sup>(3)</sup>

Em síntese: os diversos componentes culturais, dentre eles os “mágicos” - fossem eles europeus, negros, indígenas - se interagiam, transitavam, se mesclavam (dentro do conceito que Mikhail Bakhtin denomina de “circularidade cultural”) a permearem hibridamente todos os estratos sociais. Uma religiosidade eivada de hábitos, valores, práticas, crenças, experiências de vida e ainda de incertezas ante a morte, onde afloravam o imaginário, devoções, relações sociais, por vezes complexas, em torno à proteção divina, de santos e entes espirituais.

A religiosidade - via o culto aos santos, à Virgem e às relíquias sagradas - contribuiu significativamente para disseminar e sedimentar na Colônia os valores culturais portugueses e a religião católica. Nossa Senhora da Conceição seria venerada na região das Minas Gerais desde o início da colonização, primeiramente na ermida do Ribeirão do Carmo (Mariana) Centenas de arraiais tiveram em seus topônimos a denominação de Nossa Senhora (Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora de Bom Sucesso, Nossa Senhora das Candeias etc.). A devoção a Maria Santíssima se manifestaria de várias formas, a partir das súplicas dos fiéis como Nossa Senhora do Bom Parto, Nossa Senhora da Boa Morte e afins. Ainda o culto aos santos casamenteiros como Santo Antonio, São Gonçalo e a tantos outros com os mais diversos fins invocatórios e devocionais como São João Batista, São José, Santa Quitéria, São Bento, São Tiago etc.

A devoção rege-se, ademais, por mitos como o de São Tomé que, segundo a tradição milenarista, andara pela América pré-colombiana, tendo percorrido toda a costa brasileira, evangelizando e transmitindo conhecimento aos povos indígenas. Perseguido por grupos de índios ferozes, teria fugido, deixando, porém, marcas impressas de sua passagem em uma gruta, local hoje designado como São Tomé das Letras. Há, igualmente, “santos” de forte devoção popular que fugiram ao controle eclesiástico como Rosa Maria Egípcia de Vera Cruz, Escrava Anastácia, Irmã Germana e outros<sup>(4)</sup>.





## O CULTO AOS SANTOS

A região da Comarca do Rio das Mortes seria pródiga em manifestações rituais, sentimentos e práticas muito peculiares, de exaltada sensibilidade religiosa, dada a organização etnossocial vigente. Assim, o culto e devoção aos santos, o que se evidencia nos testamentos, onde testadores devotos invocam-lhes a proteção ou designando-os como advogados e defensores junto à Divina Majestade, em especial na hora do julgamento final<sup>(6)</sup>. Muitos são os santos cultuados e ao recorrerem a eles, as pessoas tentam proteção na vida corporal (ante adversidades e perigos cotidianos, doenças, sofrimentos) bem como amparo na hora da morte e na vida eterna. Os testamentos vinham acompanhados, ademais, de pedidos e encomendações de missas, de cerimônias religiosas (como missas solenes ou ofícios de corpo presente,

antes do corpo ser deitado na sepultura ou cripta), por vezes funerais pomposos ou modestos. O juízo cristão de que, segundo o que tiver feito na carne, receberá castigos ou prêmios na eternidade. Quantias eram reservadas pelos testadores para esses fins. A preocupação de muitos, com missas e pedidos de sufrágios, é que isso iriam permitir maior segurança e amparo às suas almas, quer no momento da morte, quer como alívio das eventuais penas purgatoriais. Muitos, piedosamente, requisitavam ser envoltos em mortalha, geralmente o hábito do santo de sua devoção ou a cuja irmandade pertenciam.<sup>(6)</sup>

Os testamentos incluíam, em suma, manifestações de últimas vontades, com as mais variadas manifestações e interesses, dispondo e determinando (o testador) doações, seja aos mais próximos, a pobres, alforrias de escravos, doações para mulheres e crianças, para hospitais etc.

### NOTAS

(1) O Concílio de Trento (1545-1563), embasado na alegação de combater heresias que se formavam na sociedade, reafirmou dogmas, sacramentos, o poder da Igreja sobre os poderes civis, ressaltando ainda o valor das visitas pastorais na identificação e correção das práticas não condizentes com a moral católica, aplicando-se-lhes os decretos (tridentinos) na vivência laica e religiosa. Decidiu ainda o citado conclave pela abertura de seminários com a função de capacitar os sacerdotes, tornando-os virtuosos, consoante os ditames morais e teológicos católicos.

O modelo de clero a ser seguido por todos os eclesiásticos foi o da Companhia de Jesus, fundada em 1534, além de reafirmar a atuação do Tribunal do Santo Ofício (Inquisição) como importante instrumento no esforço moralizador da Igreja, no nosso caso em Portugal e colônias ultramarinas, na correção e punição aos delitos cometidos por clérigos e leigos, combatendo, dessa forma, crimes contra a fé e os costumes.

(2) A Igreja, em especial na Idade Média, ligava os cultos ou manifestações agrárias como arcaicos, vinculados a práticas politeístas, portanto pagãs, e que distanciariam o homem da verdade suprema da salvação, propondo-lhes em troca, geralmente pela violência e intolerância, um novo e transcendente código de postura pessoal, social e espiritual. Autores e estudiosos como Claude Grefe, Michel Foucault, Philippe Ariés, Mircea Eliade, Maurice Olender, Carlo Ginzburg, dentre tantos, tratam amplamente do tema. Assunto polêmico, ainda hoje explosivo, porquanto a Inquisição deixaria sequelas vivas, dolorosas na história do Ocidente, ainda longe de serem dissipadas. Sugerimos ainda: Robert Muchembled "Uma história do diabo – séculos XII-XX" Rio de Janeiro, Ed. Bom Texto, 2001 e Jean Delumeau "A história do medo no Ocidente: 1300-1800 – uma cidade sitiada" São Paulo, Cia das Letras, 1993.

No caso das plantas, essas sempre adquiriram fundamental importância na medicina popular por suas propriedades terapêuticas ou tóxicas, aplicadas por curadores, mediante a invocação ou complementação de rezas e rituais, de forma a se expulsar as doenças (Domingos Alzugaray et ali – "Plantas que curam – a natureza a serviço da saúde" São Paulo, Ed. Três Livros, 1983) Pessoas com aptidões ou sensibilidade curadora, geralmente pessoas simples, camponeses iletrados, passaram a ser perseguidas pelos inquisidores sob a chancela de "bruxaria". O apogeu da repressão por parte da Igreja atingiria povos inteiros, como os cátaros albigenses, praticamente chacinados. Historiadores calculam em um milhão de mortos, genocídio esse patrocinado por seguidores tresloucados - e em nome de Cristo! - O papa Inocêncio III, que pontificou entre 1198 e 1216, foi um dos instigadores da "Cruzada Albigense"

(3) Sobre curas e sua repressão, ver matéria em nosso boletim n. LXIV, janeiro/2013

Até santos e demiurgos que realizaram curas foram tidos como loucos ou mesmo charlatões, como o famoso Cura d'Ars. Ciência, filosofia e religião dogmáticas sempre criaram ambientes hostis às manifestações sobrenaturais. Uma ciência paradigmática que desconhece

universos paralelos, campos biomagnéticos, olvidando que uma Lei e uma Ordem da Consciência Superior em muito se superpõem ao conhecimento temporal, por vezes pedante, elitista, fragmentário. A ciência materialista se apega ao aspecto físico, imediato, esquecendo-se das várias dimensões no universo, com suas leis dinâmicas e princípios fusionantes que extrapolam o conhecimento vigente.

Dai Cristo afirmar “Graças Te dou, ó Pai, Senhor dos Céus e da Terra, pois escondeste estas coisas dos sábios e doutos e as revelaste aos simples e pequeninos” (Mt 11:25) “Porque a loucura de Deus é mais sábia que a sabedoria humana e a fraqueza de Deus é mais forte que a força do homem” (I Co 1:25) “O Senhor conhece os pensamentos dos sábios e sabe como são vãos” “Ele apanha os sábios na astúcia deles” (I Co 3:18 a 20)

(4) Havia em São Tiago, mais precisamente no Capão das Flores e adjacências, em tempos idos, um ténue e reservado culto ao “Escravo Dominginhos”, que segundo a memória local, fora barbarizado e morto em tempos da escravidão. Foi o que nos revelou um dos membros do culto, à época (década de 1970) o sr. João Isabel Hungrid (vulgo Moreira). Fica o registro.

(5) Lidiane Almeida Niero que pesquisou o assunto, num universo de 234 testamentos (Comarca do Rio das Mortes), verificou que Santa Ana aparece em 1º lugar dentre os santos mais invocados com 25% dos pedidos, provavelmente por ser a padroeira dos mineiros; em 2º lugar a escolha recaiu sobre Santo Antonio; em 3º lugar São José; 4º lugar São Francisco de Assis e em 5º São Joaquim, o esposo de Santa Ana com 10% dos pedidos de intercessão por parte dos testadores. A opção pelo casal Santa Ana e São Joaquim talvez reflita o exemplo ou modelo de família sólida, bem estruturada, em meio a uma sociedade colonial polígama, de valores discrepantes, quando não devassos.

(6) Na região de São João Del-Rei, as escolhas das mortalhas recaiam principalmente nas de São Francisco de Assis e Nossa Senhora do Carmo. Como local de sepultamento, muitos testadores (54,7%), ainda segundo a pesquisa de Lidiane Almeida Niero, optavam por alguma igreja (o hábito então do sepultamento no interior ou adro das igrejas) Em São João Del-Rei, a igreja mais mencionada era a capela da Ordem Terceira de São Francisco.

## SEPULTAMENTOS HÁBITOS DE SANTOS – SÃO TIAGO

Muitos testadores requisitavam ser sepultados com o hábito de santos de sua devoção ou de cujas ordens faziam parte, como São Francisco, São Pedro, Nossa Senhora do Carmo etc. Encontramos descrições em que os testadores são devotos de São Tiago Maior, como nos casos (exemplos) abaixo:

- **Capitão Francisco Antonio da Cunha Magalhães**, casado com Maria Salomé de Oliveira, nascida na vila do Príncipe, filha de Bento José de Villas Boas e Izabel Maria de Oliveira, casamento realizado na matriz de São João Del-Rei aos 29 de janeiro de 1807. O Capitão Francisco Antonio da Cunha Magalhães era filho do Capitão Ignácio Antonio da Cunha e D<sup>a</sup> Francisca Maria de Paula. Faleceu o Cap. Francisco Antonio da Cunha Magalhães com testamento em 12/01/1829, registrado no Livro de óbitos da matriz de São João Del-Rei. Escreveu ele ser casado com Maria Salomé de Oliveira “que se acha residindo na cidade de Porto Alegre em companhia de seu pai. Não tivemos filhos. Quero ser sepultado com o hábito da Ordem de São Tiago, da qual sou irmão”.

(Projeto Compartilhar – Antonio Furquim da Luz)

- **Manoel Barbosa Nunes**, proprietário da Fazenda Água Limpa, em São Tiago. Em seu testamento datado de 17/01/1825 dispôs: “Determino que apartada a minha alma do corpo, será este envolto em hábito de cor preta e sepultado na Capela de minha Aplicação de São Tiago, desta dita freguesia...” “O testador Manoel Barbosa Nunes faleceu com testamento solene neste distrito de São Tiago aos quinze dias do mês de junho de mil, oitocentos e quarenta e um”, embora solteiro, deixou quatro filhos, seus herdeiros universais.

(Inventário de Manoel Barbosa Nunes – 1841 – Cx. 457 – lphan/SJDR)

Manoel Barbosa Nunes foi batizado aos 02/02/1768 na capela de Nossa Senhora da Conceição da Barra, filho de Antonio Barbosa Nunes e Quitéria Freire dos Santos. Sua mãe, D<sup>a</sup> Quitéria, ditou seu testamento em 1817 onde declara ser “moradora na Aplicação de São Tiago da Villa de São João Del-Rei, termo de São José...”, designando seu filho Manoel Barbosa Nunes como 1º testamenteiro. D<sup>a</sup> Quitéria faleceu pouco depois de 09/12/1819.

(Projeto Compartilhar – Domingos Freire de Figueiredo e Ana de Godoy Moreira)



• **Capitão João Gonçalves de Melo** falecido aos 06/09/1931, era filho homônimo de João Gonçalves de Melo e de Ana Quitéria de Sousa, já falecidos antes de 18/08/1830. D<sup>a</sup> Ana Quitéria era tia do Pe. José Manoel da Rosa Ribeiro (1740-1826), famoso e lendário sacerdote local. Em seu testamento (Cx. 83 – Iphan/SJDR), redigido na Fazenda Boa Vista, distrito de São Tiago, João Gonçalves de Melo manifestou o desejo de ser sepultado na capela de São Tiago. Seu testamento foi aberto na Fazenda Boa Vista aos 07/09/1831.

(Sobre o famoso Pe. José Manoel da Rosa Ribeiro, ver ma-

térias em nosso boletim n. XIV, nov/2008 e CXXVII, abril/2018)

• **O Capitão Gregório José Ribeiro** declarou em seu testamento ser “Cavaleiro professo da Ordem de Santiago da Espada, capitão de ordenanças da Capitania Mor desta Vila de São João Del-Rei...” Foi seu testamenteiro e inventariante João Baptista Machado. Uma curiosidade: o seu hábito de Santiago da Espada com pendentes de pingos d’água e granadas verdes foram avaliados/inventariados no valor de 40\$000.

(MRSJDR – Gregório José Ribeiro -anos 1815-1816 – Cx. 213 Livro de Testamentos 22)

## MEDICINA POPULAR: CURADORES, RAIZEIROS, BENZEDORES, SENSITIVOS

### Emídio do Bengo

Dentre os maiores e mais famosos curadores da região cita-se o sr. Emygdio Apollinário dos Passos Moraes ou melhor “Emidio do Bengo”, que, por décadas, atendeu em sua residência no local “Bengo”, nas proximidades de São João Del-Rei, rodovia São João-São Tiago (hoje BR-494)

“Emídio” nasceu em São João Del-Rei, aos 24/07/1876, filho de Severiano José Tibúrcio e Maria das Dores de Jesus. Atendia centenas de pessoas diariamente, vindos das mais diversas regiões, em sua maioria doentes, além de pedidos de remédios, receitas, aconselhamentos etc. Casou-se aos 27/04/1901 na matriz de Nossa Senhora do Pilar em São João Del-Rei com Maria Laura Calsavara, imigrante italiana da região de Trento, e de cujo enlace tiveram os filhos: Antonio Trindade, João Anastácio e Ana Bárbara. Enviuvando-se, passou a residir com a filha Ana Bárbara em Belo Horizonte, onde veio a falecer aos 23/02/1958, com 81 anos, sendo seu corpo trasladado para São João Del-Rei e sepultado no cemitério de Nossa Senhora das Mercês.

Homem de profunda religiosidade, católico praticante, dedicou sua vida a curas e bênçãos; atuou durante anos como provedor da Semana Santa na Igreja Matriz do Pilar e do santuário de Bom Jesus de Matozinhos, além de efetiva e fundamental participação na construção da Capela de Santo Antonio (comunidade do Bengo)

(Fonte/Texto: João Magalhães – “Jornal das Lages”)



O sr. Emidio do Bengo foi proprietário de farmácia na Rua Paulo Freitas em São João Del-Rei em sociedade com o sr. Afonso Dalle

(Portal [http://sãojoadelrei.transparente.com.br/works / view/1184](http://sãojoadelrei.transparente.com.br/works/view/1184)

Pesquisador: Evandro de Almeida Coelho)



# CURANDEIROS E SUAS ATIVIDADES SOCIAIS



Os cultos e manifestações ligados à natureza tiveram início com a sedentarização do homem e seus processos de sobrevivência. A prática de se receitar e recomendar remédios à base de plantas e ervas, exercida por curandeiros, sempre foi generalizada na sociedade e que, no Brasil e em particular em Minas Gerais, viria a ser considerada “exercício ilegal de medicina”, levando muitos desses praticantes da arte popular de cura aos tribunais, especialmente no período republicano. Tão grande a sua habitualidade e aceitação popular, ao longo dos séculos, que poder-se-ia dizer que todo cidadão – dado o vício de se receitar remédios caseiros – era um criminoso, na ótica médica e jurídica oficial.

Um aspecto, todavia, no repertório de promotores e juizes era a dificuldade de se comprovar o exercício ilegal de medicina. Pessoas dadas a práticas de curas raramente o faziam/fazem como ofício ou atividade profissional constante e tão somente quando demandadas. Havia uma obsessiva e preconceituosa preocupação dos acusadores públicos em se enquadrar curandeiros como “desocupados”, “desclassificados”, “ignorantes” ou seja pessoas que

não se ajustavam em profissão ou atividade tida(s) como produtiva ou reconhecida pelos padrões sociais e o entendimento moral da época. Uma forma de desqualificação e marginalização não só do réu, mas da cultura e tradição popular, fragilizando sua defesa ante os tribunais. Daí o impulsivo propósito e o libelo acusatório em enquadrar o curandeirismo como profissão ou ofício exclusivo, algo difícil de ocorrer; daí testemunhas e opinião pública atestarem que os curandeiros acusados exerciam profissões socialmente aceitas – lavrador, carpinteiro, negociante de animais, fazendeiro...

Os processos e julgamentos em casos de magia – que envolviam práticas de bênçãos, adivinhações, calundus, curas, uso de patuás, cartas – poderiam, conforme o caso, transitar no âmbito dos tribunais civil, eclesiástico ou inquisitorial (neste, os casos mais graves e que perdurariam formalmente até 1821), cujas instâncias atuavam, por vezes, de forma mista. Uniam-se todos em defesa do “rei, lei e fé”. Nenhuma manifestação pública de poder, a fama, por mínima que seja era permitida. Nenhuma ameaça à hegemonia e onipotência do Estado e da Igreja poderia ser tolerada.

## ALGUMAS DATAS HISTÓRICAS

**1292** – Bula “Ad Exstirpanda” na qual o Papa Inocêncio IV diz que “os hereges devem ser esmagados como serpentes venenosas”

**1302** – Súmula “Uma Sanctum” – nela o Papa Bonifácio VIII declara oficial, secular e regamente ser a Igreja romana a única Igreja, fora da qual ninguém se salvaria

[HTTPS://CS.WIKIPEDIA.ORG/DIVULGAÇÃO](https://cs.wikipedia.org/divulgacao)



Papa João XXII

**1326** – Bula “Super Illus Specula” que tornava a magia uma heresia

**1484** – Bula “Summus desidetantis affectibus” condenando a feitiçaria

**1536** – Inquisição em Portugal passa a utilizar a jurisdição mista (acordo entre bispos e inquisidores), sendo que, em casos de heresia, a autoridade inquisitorial se encarregaria do julgamento

[PT.WIKIPEDIA.ORG/WIKI/CONCÍLIO\\_DE\\_TRENTO/DIVULGAÇÃO](https://pt.wikipedia.org/wiki/Concilio_de_Trento/divulgacao)

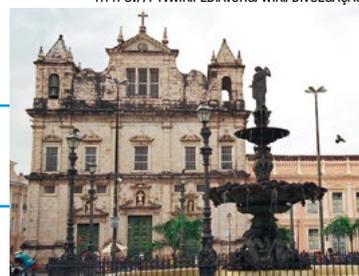


Pintura ilustra sessão do Concílio de Trento

**1545** – Início do Concílio de Trento e que encerraria em 1563

**1551** – Criação do Arcebispado da Bahia

[HTTPS://PT.WIKIPEDIA.ORG/WIKI/DIVULGAÇÃO](https://pt.wikipedia.org/wiki/divulgacao)



A Catedral-Basilica Primacial de São Salvador

**1676** – criação dos bispados do Rio de Janeiro e Pernambuco

**1704** – criação do regulamento do Auditório Eclesiástico da Bahia com base no direito canônico e os decretos do Concílio de Trento (1545-1563)

**1707** – elaboração das Constituições do Arcebispado da Bahia pelo Arcebispo D. Sebastião Monteiro do Vide

**1745** – criação do bispado de Mariana (MG)

**1748** – criação do tribunal eclesiástico do bispado de Mariana, que vigoraria até 1800

**1756** – Criação da Administração Eclesiástica no Rio de Janeiro (separação entre sul e norte do País)

**1821** – Fim do Tribunal da Inquisição

# ANTÔNIO MARIANO O CURADOR DO OURO FINO

Existiu na Comunidade do Ouro Fino, a 18 km de Morro do Ferro, um curador famoso na década de 30, muito procurado não só por pessoas da região, mas de outras localidades do estado. Chamava-se Antônio Mariano Gomes. O Sô Antônio como era chamado, nasceu em Sapucaia/RJ, aos 13/06/1898. Seu pai de origem sírio-libanesa o inspirou a exercer a mesma profissão quando ainda jovem, ser mascate e vendedor de mercadorias. Nas suas vindas a Minas conheceu sua primeira esposa dona Maria Egg da Conceição, natural de Entre Rios de Minas. Após o casamento adquiriu terras na região do atual Ouro Fino e construiu a Fazenda de Santo Antônio e por ali começou a fazer a sua vida com trabalhos simples. Teve onze filhos são eles: Salomão, Enoque, Valdir, Ronan, Rubens, Deodado, Valter, Eunice, Salete, Ilda e Aidê.

Mesmo sendo mascate deixou a profissão e ali na fazenda fez seus estudos com plantas, ervas e começou a desenvolver o dom mediunidade. Assim, passa a fazer benzeções e rituais. Pequenas curas e melhoras em casos desenganados pela medicina vão acontecendo. Com isso, despertou a atenção de pessoas da região e de outras localidades, sobretudo de doentes. A popularidade e fama de benzedor se espalharam por todo lado. A fazenda tornou-se um local muito procurado, havia casos desenganados pela medicina, mas muitos recebiam extraordinárias curas, milagres pela imposição das mãos do Sô Antônio ou mesmo por usar os remédios caseiros indicados por ele.

Já influente na região e com perfil de líder, angariou os primeiros recursos para a construção de uma escola.

No auge das suas benzeções, o único meio de comunicação existente era o rádio; não havia outros, mas o “boca a boca”, multiplicou a fama mediúnica de Antônio Mariano. Não cobrava pelas benzeções, porém a quem viesse se benzer e quisesse contribuir de alguma forma, todas as doações seriam vertidas para o desenvolvimento da comunidade. As doações em dinheiro seriam para a construção de uma igreja dedicada a Santo Antônio, seu santo de devoção e para finalização da escola.

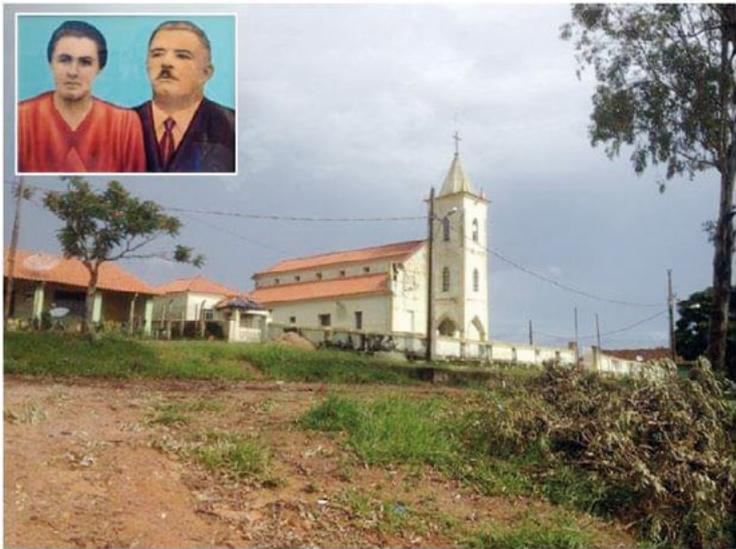
Para ter acesso ao curador, as pessoas vinham de longe a cavalo ou mesmo a pé, pois os poucos carros que havia era somente nos grandes centros. Ouvia-se de madrugada uma porteira próxima a Ouro Fino batendo: sinal de gente chegando a pé ou passando com cavalos. Somente muito tempo depois é que foram vindo pessoas em carros.

Numa época de poucos recursos na área da saúde, a grande popularidade de Antônio Mariano só crescia e atraía muitas pessoas para Ouro Fino. Pessoas com moléstias, doenças que não se resolvia com remédios de farmácia recorriam ao curador. Pessoas praticantes do catolicismo não ficavam atrás de ir consultar com Sô Antônio Mariano. Iam escondidas de seus dirigentes e às vezes de seus familiares, porque ir a benzedores é algo proibido pela doutrina católica.

Outras circunstâncias que também atraíam pessoas para benzer ou fazer algum ritual, eram demandas na justiça, situações embaraçadas que não caminhavam, pessoas que achavam que eram vítimas de mau-olhado, feitiços, macumbaria ou mesmo sendo atormentada por encostos e problemas mentais.

Aos poucos o curador foi conseguindo fazer as primeiras benfeitorias na comunidade; conseguiu fazer uma pequena pensão e construir uma escola. Para sua casa que ainda existe, porém em ruínas, na época conseguiu fazer uma simples usina de energia que alimentava com luz elétrica.

A credibilidade era notória que muitos voltavam para agradecer e ainda traziam outros para serem benzidos. Nas benzeções contava com outros colaboradores/ajudantes que de alguma forma tentavam saber um pouco da vida das pessoas antes da consulta, e depois passavam as informações para o curador do Ouro Fino.



Pessoas da localidade ao saber dessa façanha questionavam qual seria o valor da mediunidade do Sô Antônio Mariano.

Havia divergências quanto à opinião se valia ou não as benzeções do Sr. Antônio. Pessoas da região tinham muita “fé”, e vinham naquela esperança de serem curados de suas moléstias, mal-estar e outras necessidades. Alguns da localidade desacreditavam por achar que ele era muito sabido e que suas benzeções não tinham efeito nenhum. Mas para os outros, o que valia era a fé.

No povoado do Calafate o Sr. José Machado tinha uma espiritualidade mais ligada com o candomblé, porém quando pessoas o procuram para fazer um tratamento espiritual ou não tinha condições de resolver um problema, encaminhava-os para o Sô Antônio Mariano. No Engenho havia o Sr. Chico que tinha parceria com o Antônio Mariano e encaminhava-lhe alguns casos. Assim mantinham estreita parceria entre eles.

Mas a maioria das pessoas tinham fé nas benzeções e nas práticas ritualísticas do Sô Antônio Mariano e acreditavam nas benzeções e palavras dele. E valia muito! Aqueles que se encontraram desenganados pela medicina iam até Ouro Fino para uma “consulta” ou tratamento espiritual. O curador logo após a benzeção falava se o problema era um tipo de mal espiritual ou da carne. Para qualquer um dos males era necessário fazer um ritual por um período maior ou menor, envolvendo simpatias, chás, garrafadas, benzeção com ramos, banhos com ervas, orações fortes, limpeza e fechamento do corpo. Aqueles que recebiam as graças, curas e libertações, voltavam para agradecer ao curador. Traziam alimentos, doações em dinheiro, etc., como forma de gratidão. Vinham cartas de muitos estados de pessoas que não tinham condições de viajar, mas queria uma atenção especial à necessidade particular e um posicionamento do curador para ajudá-los. O que era pra ele orientava, o que não era logo, falava que procurasse um médico. Durante as benzeções Sô Antônio desenvolvia o dom mediúnico de efeitos físicos, as velas se movimentavam durante o ritual, tinha respostas de situações que ele mentalizava e perguntava, aconteciam vários outros fenômenos paranormais. Conseguia ter visão do que acontecia noutros espaços de pessoas com quem teve contato.

Antônio Mariano, caridoso, cuidadoso com quem vinha até sua casa, dava toda atenção. Queria que tão logo a pessoa voltasse para dar boas notícias. Das muitas doações que recebia, partilhava com os menos favorecidos e necessitados da comunidade e de quem precisasse. Era muito preocupado com o desenvolvimento de Ouro Fino.

Com a viuvez, contraiu segundas núpcias com a Sra. Dolores Alves da Silva, casando-se na Capela do Ouro Fino em 13/06/1960, providencialmente no dia de Santo Antônio. Tiveram duas filhas, Maria Lúcia e Antônia Clarete. Já idoso teve um problema de saúde, lutava contra o diabetes, e com isso teve que amputar uma perna e anos depois a outra, vindo a falecer, aos sessenta e quatro anos de idade, em 09 de novembro de 1962. Foi sepultado no Cemitério do Distrito de Jacarandira.

Antônio Mariano foi um grande benfeitor da Comunidade Ouro Fino. Foi ele quem desenvolveu o povoado e suas principais construções. Na localidade preocupou-se com a espiritualidade mediúnica, construiu a Capela de Santo Antônio e a primeira escola onde o ‘professor leigo’ poderia ir até lá e ministrar o ensino elementar. Sua história sempre será lembrada por aqueles a quem ajudou com amor, abnegação e caridade.

# CINZAS DA QUARTA-FEIRA

Todos os anos após os festejos de carnaval vem a quarta-feira de cinzas, celebração antiga da Igreja Católica que marca o início do tempo quaresmal em preparação ao Tríduo Pascal. O que significa as cinzas? Por que recebê-las sobre a fronte? As cinzas impostas sobre a cabeça como um ato penitencial simbolizam a transitoriedade da vida, ou seja, que somos peregrinos a caminho fazendo lembrar as fragilidades humanas.



Em São Tiago, na quarta-feira, acontecem várias celebrações, mas, e as cinzas, de onde vem? Na comunidade há muitos anos o encargo de providenciar as cinzas foi do Sr. Geraldo Cardoso dos Santos (Geraldo Pendenga) que fazia com grande gosto à pedido do Monsenhor Eloi. Previamente reunia vários ramos de coqueiro, alecrim cheiroso, folhas de laranjeira e outras ervas benzidas na Semana Santa do ano anterior. Como estavam secos, acabavam despenca-

do e eram todos queimados. Quando os ramos eram poucos, utilizava sabugos de milho, palhas bentas, pequenos gravetos e ali calmamente fazia todo esse trabalho artesanalmente. Depois de queimados, esperava a cinza esfriar. Em seguida coava-se que ficava em pó bem fininho. Depois levava para a Matriz onde eram colocadas em pequenos recipientes. Durante a missa da quarta-feira, as cinzas são abençoadas e impostas sobre a cabeça dos fiéis junto às passagens bíblicas: “Convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc. 1,15) ou “Lembra-te que és pó, e ao pó hás de voltar” (Gn. 3,19).

Embora o significado das cinzas esteja intimamente ligado ao rito e a celebração do dia, muitos ainda tem o costume de levar um pouquinho de cinzas para quem não foi a missa ou que estiveram impossibilitados de comparecer.

Hoje quem prepara as cinzas para a distribuição é o sacristão Raimundo Santiago, o Mundinho, grande voluntário na Matriz há mais de 53 anos. O processo é feito artesanalmente com dedicação como em anos anteriores.



**Marcus Santiago**  
Membro do IHGST

# VACINAÇÃO UM EXERCÍCIO DE CIDADANIA

Uma publicação no Facebook do grupo Memórias de São Tiago, sobre um quadro de estatística de óbitos/sepultamentos da Paróquia de São Tiago, levantou questionamentos quando foi visto que no ano de 1950 a maioria das pessoas falecidas eram crianças. Ficamos com apenas os dados estatísticos e não procuramos a fundo fazer as leituras dos termos de sepultamentos. Participantes do grupo comentaram a questão da mortalidade infantil com indignação, pois o número foi grande. Outros disseram que era devido à falta de vacinação e da questão da água tratada que são imprescindíveis para que a população não adoeca.

Hoje é possível observar que graças às melhorias em prevenção e na saúde pública, muitos quadros como esse de mortalidade infantil têm mudado. Com a prevenção tem-se como evitar a mortalidade infantil. Embora existam nas redes sociais grupos que são contra a vacinação, deve pensar no bem comum. Se são criadas as vacinas tem um bem junto. Com elas é possível mantermos saudáveis e fazer com que o organismo crie defesa contra muitas doenças. Um ditado popular já afirmava isso há muito tempo: “Antes prevenir, a remediar”.

Mas em pleno o século XXI, se percebe pelo noticiário que a cobertura de vacinação das crianças vem caindo no Brasil, segundo o Ministério da Saúde.

Numa outra época, de muitos e muitos anos atrás era possível saber quem tinha ou teve sarampo, caxumba, rubéola, catapora etc. Hoje quase não se houve falar, mas existem alguns casos pelo país. Há pessoas que são contra a vacinação e que colocam a questão de que não há razões para se vacinar porque doenças como essas estão erradicadas no Brasil. Mas enganam-se! As vacinas possuem função preventiva. Se essa ação não for levada a sério, corre-se o risco das doenças voltarem e quem sabe mais forte. E outra questão importante, existe em outros países históricos de

Resumo:

	Homens	Mulheres	Meninos	Meninas	Saram.	Total
Janeiro	2	1	1	7	3	14
Fevereiro	1	3	4	2	1	11
Março	-	-	4	2	-	6
Abril	-	2	4	3	2	9
Maior	1	-	2	-	1	4
Junho	-	3	5	1	2	11
Julho	2	1	4	2	-	9
Agosto	3	3	3	1	3	13
Setembro	3	-	-	4	-	7
Outubro	-	2	2	6	1	11
Novembro	3	1	3	5	3	15
Dezembro	-	1	1	2	1	5
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>17</b>	<b>38</b>	<b>35</b>	<b>17</b>	<b>105</b>

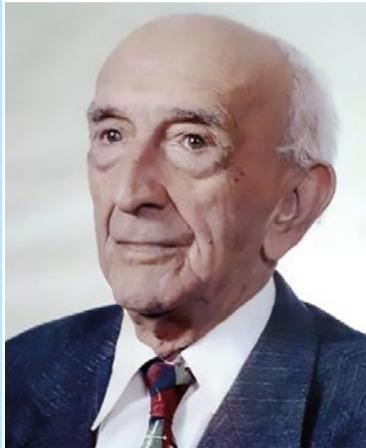
que algumas doenças que utilizam a vacina como forma de proteção não estão acabadas, caso haja contato com refugiados, turistas e outras pessoas, corre-se o risco de voltar a circulação de bactérias e vírus novamente.

Todos devem ficar atentos ao calendário de vacinação, sobretudo os pais, para seus filhos pequenos não fiquem sem a imunização. Deixem de lado as tais “Fake News” que circulam por aí, procurem uma Unidade Básica de Saúde para tirar suas dúvidas. Além de se vacinarem ainda protegem pessoas com quem convivem. Vacinar não é uma escolha, é o exercer a cidadania.

**Marcus Santiago**  
Membro do IHGST

# Conselho Vicentino inaugurou a sua sede em São Tiago

No dia 16 de fevereiro de 2020, o Conselho Particular Vicentino de São Tiago da Sociedade São Vicente de Paulo (SSVP) teve a alegria de inaugurar o seu espaço próprio na Rua: José Gaudêncio Júnior, 1.115, Bairro Cerrado. As solenidades de inauguração se deram com a procissão da imagem de São Vicente de Paulo cedida ao Conselho Vicentino pela Paróquia de São Tiago. O cortejo saiu às 15h, da Capela do Rosário, no sentido trevo, onde se localiza a sede. Em seguida, houve a inauguração, bênção do espaço pelo pároco Revmo. Pe. Sebastião Correa Neto, homenagem dos vicentinos ao patrono do prédio Sr. “José Caputo, Caputinho”, representado pelo Sr. Raul Wilson da Mata. O lote para a construção do prédio se fez por meio de doação do casal Sr. Antônio Domingos de Paula e dona Maria Lúcia de Campos Paula, pais do missionário Tiago Eduardo.



As instalações do Salão e Sede do Conselho aconteceram graças a muitas pessoas que contribuíram para que essa obra se tornasse realidade. Os recursos maiores vieram da herança doada pela família do falecido Sr. José Caputo (Caputinho) que, em seu testamento, deixou uma parte dos seus bens para as obras de caridade do Conselho Vicentino de São Tiago. Os demais foram angariados com ajuda de benfeitores da cidade.

A Sociedade São Vicente de Paulo está em São Tiago desde 1908, entretanto nunca teve um espaço. As reuniões eram feitas nas igrejas, salinhas da paróquia e casas dos confrades e consócias, porém já era um grande sonho dos vicentinos do Conselho Particular ter uma sede própria



para a realização de reuniões, encontros, receber doações e um espaço para organizar os arquivos e documentos das Conferências. A obra foi construída num espaço de um ano. O investimento foi orçado em R\$ 139 mil. No térreo, há o salão, dois banheiros, uma sala destinada à secretaria do conselho e uma pequena cozinha. No piso de baixo do salão; uma cozinha maior, dois banheiros, um quarto e um espaço grande e coberto onde poderão ser realizados eventos externos.

Estavam presentes na inauguração vários membros de conferências da cidade, amigos, familiares do benemérito, autoridades locais e representantes da diretoria do Conselho Vicentino Central de Bom Sucesso senhores: Antônio Cardoso de Oliveira, Moisés Luiz de Oliveira e dona Aparecida Alves de Oliveira.

O Conselho Vicentino de São Tiago está vinculado ao Central de Bom Sucesso e ao Metropolitano de Formiga. Atualmente tem como presidente o confrade Sr. José Faria Santiago; Vice-Presidente, consócia Sra. Antônia Denise de Siqueira Silveira; Secretária, consócia Srta. Maria Antônia Martins de Jesus; Vice-Secretária, consócia Srta. Nazaré Aparecida de Oliveira; Tesoureira, consócia Sra. Maria Margarete Ramos Santiago; Vice-Tesoureira, consócia Sra. Maria das Graças de Sousa Santos.

Junto à Sociedade São Vicente Paulo a Casinha de Caridade continuará com o seu trabalho e missão, porém agora com esta importante entidade, mais fortalecidos os objetivos e ações em prol dos necessitados da comunidade são-tiaguense! Torna-se neste espaço o ponto da caridade, da ação, da oração e da fé! Juntem-se todos a essa Obra de Caridade!

**Marcus Santiago**



## RITÁPOLIS

# Fazenda onde Tiradentes nasceu resiste ao tempo e ao abandono

*Propriedade ‘escondida’ na região Central de Minas é uma das únicas que restaram do inconfidente*

POR LETÍCIA FONTES

FOTO: LEO FONTES

Pela estrada de terra, sem muita sinalização, margeando o rio das Mortes, bem pertinho de São João del-Rei, no município de Ritápolis, na região Central do Estado, uma placa indica: Fazenda do Pombal. O local foi o berço da infância do mais famoso dos inconfidentes: Joaquim José da Silva Xavier. Tiradentes nasceu na propriedade em 1746 e viveu ali até os 11 anos.



Casa e engenho de açúcar viraram ruína, mas história e beleza natural permanecem

Olhando de longe, até parece que está tudo bem, mas da casa e do engenho de açúcar só sobraram ruínas. A fazenda foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) na década de 70.

Ninguém sabe o dia exato em que Tiradentes nasceu em 1746. O único registro que se tem é que, naquele ano, ele foi batizado em 12 de novembro, data em que a reportagem de O TEMPO visitou a fazenda, quase três séculos depois. A propriedade onde Tiradentes morou com os pais e os seis irmãos é uma das únicas que restaram dos bens do inconfidente. Quando foi condenado, as autoridades “salgaram” (jogaram sal para tornar infértil) as terras que eram dele.

Atualmente, o local faz parte da Floresta Nacional de Ritápolis, reserva ecológica administrada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), vinculado ao Ministério do Meio Ambiente (MMA). Diversas espécies de animais – algumas ameaçadas de extinção – vivem na fazenda, cercada por mata atlântica e cerrado. Tatus, raposas, tamanduás, capivaras, lontras e lobos-guarás são vistos com frequência.

A flora de Ritápolis também tem o maior e mais importante viveiro de mudas de toda a região. São 70 mil mudas de quase 400 espécies, que são vendidas ao público.

## DESCASO

O pesar, segundo moradores, está no descaso das autoridades. A fazenda conta com apenas dois funcionários e alguns estagiários e terceirizados da prefeitura. Uma ponte suspensa cruzando o rio das Mortes, que, segundo os antigos da região, Tiradentes usava para ir à escola, está fechada por falta de manutenção desde 2012. As trilhas, uma das atrações do local, estão tomadas pelo mato. Em 2016, a fazenda chegou a ficar fechada por alguns meses por falta de porteiro.

“Aqui é um sítio histórico da nação, que merecia mais cuidado. A figura de Tiradentes é emblemática, é parte da história não só de Minas Gerais, mas do país. (Aqui) vem sendo mantido até onde se pode devido à escassez de recurso e de pessoal, mas é um lugar que merecia mais atenção se houvesse vontade política”, lamentou o historiador José Antônio de Ávila, membro da Academia de Letras de São João del-Rei e do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.

## PROPRIEDADE PASSOU POR TRANSFORMAÇÕES

A origem da Fazenda do Pombal remonta ao ano de 1718, quando os bandeirantes a usavam como ponto de parada em suas incursões pelos sertões de Minas. Naquela época, ela era conhecida como “Parada de São Sebastião”. Quando Tiradentes nasceu, em 1746, a propriedade possuía uma área de 900 alqueires, produzia açúcar e ouro e dispunha de 35 escravos em sua sede.

A casa, que desapareceu, tinha dois andares: a parte superior era usada como residência; e a inferior, como depósito de ferramentas, oficina de ferreiro, senzala e engenho de produção de açúcar.

Quando completou 11 anos, órfão de pai e mãe, Tiradentes deixou a fazenda e foi morar com seu padrinho, em São José del-Rei, hoje Tiradentes.

A fazenda, então, foi desmembrada e deu origem a mais três propriedades. Em 1948, foi adquirida pelo Ministério da Agricultura, já com a área reduzida a 89,5 hectares.

De 1945 a 1950, a Fazenda do Pombal passou por outra mudança drástica: o terreno foi terraplenado em toda área onde um dia fora construída a casa de ‘senhores’ para a instalação de um posto fixo agropecuário, com plantação de peral, mangueiral, criação bovina e suína. Hoje restam apenas alguns alicerces cobertos de vegetação.

Tetraneto de Tiradentes, o coronel reformado Adalberto Guimarães Menezes, 92, vê a história se perder. “Era pior, antigamente, as pessoas iam com carro de boi para tirar as pedras das ruínas, as pessoas de São João (del-Rei) não sabem que lá foi onde ele nasceu, não entendiam o valor”, pontuou.

## VISITAS

Com uma média de 500 visitantes por mês, sendo a maioria de excursões de escolas da região, a Fazenda do Pombal fica aberta ao público todos os dias da semana, das 7h30 às 16h30. O telefone do local não está funcionando atualmente, mas mais informações podem ser encontradas no seguinte perfil do Facebook: “Floresta Nacional de Ritápolis”. A entrada é gratuita.

## FAMÍLIA

# ‘Tetraneto’ de Tiradentes tenta preservar história

FOTO: FLÁVIO TAVARES

*Adalberto Menezes não buscou ser reconhecido oficialmente, mas garante ser parente do mártir*



Aos 92 anos, Adalberto Menezes busca saber mais sobre seu antepassado

A família de Adalberto Guimarães Menezes, 92, foi reconhecida como parente de Tiradentes. Duas primas do tenente-coronel reformado receberam o título de tetranetas do inconfidente. Menezes não quis ir atrás do reconhecimento e da burocracia, mas garante que também é tetraneto. A linhagem pode garantir uma pensão vitalícia de cerca de dois salários mínimos mensais paga pelo governo.

Apesar de não ter se interessado pelo título, o militar dedica a vida para estudar a história do seu antepassado. Visitante frequente da Fazenda do Pombal, onde Tiradentes nasceu, em Ritápolis, na região Central, Menezes chegou até apresentar um projeto para transformar o lugar em um parque nacional dedicado ao mártir, mas as autoridades, segundo ele, não se interessaram pela ideia. “Eu mesmo não sei muitas histórias da família, era importante ter um local assim para a história não se perder”, avaliou o ‘tetraneto’ de Tiradentes.

## LIÇÃO

À professora Vânia Vilela de Ávila mora em São João del-Rey há 33 anos. Por vários anos, a docente, que dá aula para o quinto ano do ensino do fundamental, levou alunos à fazenda. “É a oportunidade de ver in loco o que estudamos em sala de aula. A educação tem passado por transformações, temos que envolver os alunos e nada melhor do que mostrar a história. A gente ama aquilo que conhece”, disse.

Mas, nos últimos anos, a propriedade ficou fechada por alguns meses, e Vânia perdeu o hábito. “É uma pena o local estar esquecido, turistas vêm à cidade e nem sabem da fazenda”, afirmou a professora.

## ‘VERBA É SUFICIENTE’, DIZ CHEFE

Para manutenção da Floresta Nacional de Ritápolis, onde fica a Fazenda do Pombal, há convênios firmados com as prefeituras de Ritápolis e Tiradentes, além da Universidade Federal de São João del-Rey.

Segundo o analista ambiental do ICMBio e chefe da unidade, Marco Túlio Simões, os recursos são suficientes. “Temos prioridades, trabalhamos em atividades de proteção ao meio ambiente e educação ambiental”, destacou.

O Ministério do Meio Ambiente e o Iphan não se manifestaram.

Fonte: www.otempo.com.br/cidades



# O MONGE DA MONTANHA LAOSHAN

Há uma montanha que se chama Laoshan à beira mar, onde vive um sábio, a que todos chamam de monge taoista da montanha Laoshan. Dizem que ele conhece muitos sortilégios e alguns até atribuem-lhe a imortalidade. Numa cidade, situada a várias centenas de quilômetros da montanha Laoshan, havia uma pessoa chamada Wang Qi, que, desde criança, adorava mágicas e, ao ouvir a notícia sobre o poder mágico do monge taoista, despediu-se de seus familiares e foi até a montanha a fim de encontrar o sábio. Encontrou-o, conversou com ele. Wang considerou que o monge tinha muitas habilidades e pediu que fosse admitido como discípulo. Observando Wang, o monge disse: - “Você é mimado desde criança e não vai aguentar a vida difícil da montanha” Mas, ante a veemente insistência de Wang, o monge aceitou-o como discípulo.

À noite, Wang Qi, apreciando a lua e pensando em obter imediatamente poderes mágicos, sentiu-se muito feliz. No dia seguinte, logo na madrugada, foi ver o mestre, imaginando que este o ensinaria magias. Inesperadamente, o mestre deu-lhe um machado e mandou-o cortar lenha junto aos colegas do mosteiro. Wang Qi ficou decepcionado, mas obedeceu à ordem. Nas montanhas, crescem muitos arbustos espinhosos e por toda a parte encontram-se pedras pontiagudas. O sol estava ainda muito alto e Wang Qi tinha já várias bolhas de sangue nas mãos e nos pés.

Um mês passou. As bolhas de sangue nas mãos e nos pés de Wang Qi caíram. E Wang Qi não aguentava mais os trabalhos cansativos na montanha e pensou em voltar para casa. À noite, quando retornou com seus colegas ao templo, viu o mestre e alguns visitantes bebendo e conversando alegremente. No recinto, não havia luz. Eis que o mestre pegou uma folha de papel, cortou com a tesoura um pedaço redondo de papel e colocou-o na parede. O papel passou a brilhar como a lua, iluminando todo o quarto. Um dos visitantes disse: - “Que noite linda e quão delicioso o banquete. Divertimo-nos muito” O monge taoista pegou um pequeno bules de vinho e passou-o aos hóspedes; Wang Qi, que já estava intrigado com o pedaço de papel a iluminar todo o ambiente, duvidou: - Como pode um pequeno bules de vinho atender a tantas pessoas? Mas todos beberam fartamente, pois o bules estava sempre cheio. Wang Qi ficou deveras impressionado. Outro hóspede disse, nesse momento: - “Apesar de contarmos com a lua brilhante, o vinho não parece gostoso sem acompanhamento de danças” O monge taoista deu um sorriso e apontou, com uma vareta, uma folha de papel em branco. Apareceu, instantaneamente, no luar, uma dançarina de apenas um chi de altura (equivalente a um metro) que, ao descer até o chão, tornou-se uma belíssima moça de estatura normal. Com o corpo delgado, pele nívea e as cintas da roupa esvoaçando ao vento, começou a cantar. Logo após a canção, ela levitou até a mesa.

Para espanto e embaraço de todos os presentes, ela tornou-se novamente uma vareta. Vendo isso, Wang Qi ficou boquiaberto.

Nesse instante, um outro hóspede disse: - “Estou muito satisfeito, mas tenho que ir embora.” Assim dizendo, moveu-se em direção à lua. A lua obscureceu pouco a pouco, mergulhando todo o ambiente em sombras. Os colegas de Wang Qi acenderam as velas e viram o mestre sentado sozinho à mesa e na mais profunda meditação. Os hóspedes e todo o fenomenal espetáculo do banquete, simplesmente, tinham se volatilizado.

Mais um mês passou. O monge taoista nada ensinou a Wang Qi e este, impaciente, dirigiu-se ao mestre: - “Vim de muito longe. Se não queres me ensinar o método da imortalidade, transmite-me, pelo menos, pequenas magias para meu consolo”

Vendo o mestre sorrindo, sem pronunciar nenhuma palavra, Wang Qi, ansioso, disse gesticulando: - “Todos os dias saio de manhazinha para recolher ervas e lenhas, retornando ao anoitecer. Os trabalhos são tão cansativos como nunca os fiz em casa” O mestre disse: - “Soubera, de antemão, que você não aguentaria o cansaço do trabalho. O ocorrido comprova minha conclusão. Volte para casa amanhã” Wang Qi insistiu em rogar: - “Mas ensina-me algumas magias para que eu não tenha vindo até aqui em vão” O mestre perguntou: - “Que magia você quer aprender?” Wang Qi respondeu: - “Vi o senhor caminhando e atravessando a parede, como se não tivesse nenhum obstáculo. Quero aprender isso” Então, os dois chegaram a uma parede. O mestre ensinou a Wang Qi um conjuro para atravessá-la, indicou a parede à frente e mandou Wang Qi entrar. Este sentiu as pernas estremeando e não se atreveu a dar um passo sequer. O mestre insistiu: - “Tente” Wang Qi deu alguns passos. O mestre disse-lhe, firme: - “Baixe a cabeça e ande para a frente!” Sem outra saída, Wang Qi viu-se forçado a se lançar contra a parede, conseguindo atravessá-la facilmente. Louco de alegria, Wang Qi se ajoelhou e agradeceu ao mestre. Nesse momento, o mestre disse ao discípulo: - “Seja um homem diligente e laborioso ao voltar para casa. Caso contrário, a magia não terá nenhum efeito”

Wang Qi retornou para casa, vivendo ociosamente. Gabou-se à sua esposa. - “Encontrei um sábio que me ensinou algumas mágicas. Posso atravessar as paredes” A mulher não acreditou em suas palavras. Então, Wang Qi recitou o conjuro e correu para a parede. “Bong!” Wang Qi caiu ao chão e com um grande edema na cabeça. Ali permaneceu com a cabeça deitada no peito, como um balão que acaba por se desinflar. A mulher, furiosa, disse ao marido: - “Se existe alguma mágica, não aprenderia em apenas três meses, período em que você permaneceu no mosteiro” Wang Qi recordou, então, ter atravessado a parede, naquela exata noite, sob a supervisão do mestre taoista e sentiu-se enganado, desatando a maldizê-lo e ao mosteiro da montanha Laoshan. Desde então, Wang Qi permaneceu como um homem sem habilidade em sua aldeia.

(Liao Zhai Zhi Yi – “Coletânea de contos chineses”)

# Nomenclatura geográfica popular

Na ocupação ambiental, o homem no convívio com a natureza e uso de seus recursos, à medida que foi desbravando a imensidão continental, tratou logo de denominar os lugares para facilidade de localização. Tais nomes se fixaram como topônimos e tem elevado valor cultural: Serra das Vertentes, Rio Carandaí, Morro do Vento, Fazenda do Pombal, Povoado do Biongo, Cruzeiro do Pau d'Angá, Ponte da Província, Pedreira da Divisa, Lagoa do Cará, Córrego do Lenheiro, Ribeirão São Francisco Xavier, Gruta do Caititu, Cachoeira dos Gamelões, etc. Muitas vezes os topônimos são vitimados por mudanças indevidas de nomes, num flagrante desrespeito ao seu significado histórico. A toponímia já foi alvo de postagem neste blog (\*).

Ora este texto se dedica a uma outra classe de denominações: a dos acidentes geográficos, que tem íntima correlação com a toponímia. Independente do topônimo individual existem alguns elementos paisagísticos de orografia, hidrografia e vegetação, que por se repetirem daqui e dali, mereceram uma nomenclatura específica. Alguns termos são assaz conhecidos e até dicionarizados; outros, nem tanto... No mais, existem diferenças regionais de significação. Assim, o quê aqui nas Vertentes denominamos "restinga" em nada corresponde à restinga litorânea, como forma de vegetação (\*\*).

A nomenclatura geográfica popular nunca teve nenhum compromisso com as formas acadêmicas. É como o povo vê a natureza e isto lhe basta.

É sobretudo nos meios rurais que sobrevivem estas expressões que aos ouvidos urbanos soam estranhas. O sitiante delas precisa

quando vai campear uma rês tresmalhada:

\_ "Você viu aquela minha vaca moira (\*\*), compadre? Ela sumiu desde ontem...

\_ Vi, compadre, lá detrás daquele boqueirão rio abaixo".

É o bastante como indicativo. No local, além da acuidade visual, o sitiante observará sinais como fezes no caminho, vegetação pisoteada pela criação, ramos quebrados pela trilha. Logo acha a vaca. E se não achar, reza para Santo Antônio, que esse santo não falha na busca de gado perdido...

Serve-lhe de posicionamento de limites:

\_ "minha divisa, sô Zê, passa lá no espigão daquela serra".

Ouvir um tropeiro, ou dialogar com o boiadeiro, observar a fala do retireiro... é uma aula maravilhosa de saberes do nosso mundo rural, é mergulhar num universo de cultura popular muitas vezes menosprezado pelos compêndios.

Os termos abaixo listados em glossário foram sumariamente pinçados da memória. Natural que existam omissões de outros... Lembrando mais uma vez que noutras regiões poderão existir mais designações ou que estas tenham outro significado. Além da nomenclatura geográfica, aproveitando o ensejo, foram acrescentados outros termos correlatos que indicam certas características de um terreno.

## GLOSSÁRIO

**Aba** - a vertente de uma serra; encosta.

**Areado** - regato com considerável quantidade de areia no leito. O mesmo que espraçado; praia (fluvial).

**Baiacu** - lama finíssima e escorregadia, imediatamente à margem dos rios. Na costa o conceito é outro: baiacu é o nome dado pelos pescadores aos peixes oceânicos da família tetraodontidae.



Baiacu na margem do Rio das Mortes, na localidade do Brumadinho (São João del-Rei/MG). 24/08/2014.

**Banco** - acúmulo de areia na margem de um rio; banco de areia. Quando acontece no leito, formando uma ilha arenosa, chama-se "coroa".



Banco de areia à margem do Rio das Mortes. Coqueiros (Nazareno/MG), 05/05/2013.

**Banqueta** - degrau ou base de um barranco; talude ao sopé de um morro. Nas margens do Rio das Mortes, na Colônia do Bengo, em São João del-Rei, logo após a antiga "Parada do Patronato" (km 103 da Estrada de Ferro Oeste de Minas, extinta "Linha do Sertão") uma curva aberta do rio, em corredeira, tem o nome de Banqueta. É tida por mal assombrada. Aí, a muitos anos, relatam, o famoso benzedor sr Emídio do Bengo teria visto à noite uma cobra gigantesca atravessando a linha férrea rumo ao rio. Decerto, seria uma sucuri (anaconda).



Barra de um regato no Córrego do Brumado de Cima. São João del-Rei. 25/07/2009.

**Barra** - o mesmo que "encontro": é a foz de um córrego ou rio.

**Bocaina** - vale, abertura entre duas montanhas.

**Boqueirão** - vossoroca grande, abertura erosiva larga de um terreno.

**Capão** - o mesmo que capoeira. Mata pequena. Ficou célebre na história da Guerra dos Emboabas (1707-1709) o episódio de uma chacina próxima à atual cidade de São João del-Rei, num local que ficou conhecido por "Capão da Traição".

**Capoeira** - Pequena mata, isolada de outras áreas florestais. Conjunto relativamente fechado de árvores pequenas.

"Falei contigo no cordão do quarentão, quando eu roçava capuêra minha cumida era mamão, eu pegava com São Jorge, santo da minha divução! etc."

(Calango, Guilherme [Bias Fortes/MG], 1996).

O mesmo que capão. Se acaso tem árvores num tanto maiores mas ainda não chega a ser uma mata típica (de aspecto florestal), dizem "capoeirão". O terreno onde o mato vai crescendo desordenadamente, tampando-o, diz-se que está "encapuerado".

**Chapada** - vale amplo e relativamente plano ou com inclinação moderada entre duas cadeias montanhosas. Em São João del-Rei existe a localidade da Chapada, junto à Serra do Lenheiro, no distrito de São Gonçalo do Amarante e a ainda a Chapada do Diogo, entre os distritos de Emboabas e São Miguel do Cajuru.



Chapadão. Serra de São José, em Santa Cruz de Minas e Tiradentes/MG. 23/10/2009.

**Desbarrancado** - qualquer vossoroca; área de desmoronamento; terreno com deslizamento de solo.

**Espigão** - crista que culmina uma montanha ou sequência de morros. Linha imaginária que tangencia as partes mais elevadas de uma serra.

**Fação** - passagem em barreira horizontal entre duas montanhas, mais ou menos escarpada.



*Fação visto ao fundo, entre as montanhas, a partir do Chuveirinho (Santa Cruz de Minas). Serra de São José, 12/02/2011.*

**Fervedouro** - nascente borbulhante, como se a água estivesse fervendo. Fonte natural onde a emanação de água produz bolhas. Existe um canto de catupé, coligido em São João del-Rei, que diz:

"Quem nunca viu, vem vê: caldeirão sem fundo, fervê!"

Dizem os congadeiros que é uma referência o fervedouro, mas na prática se aplica aos momentos festivos de relativa tensão, quando surgem demandas entre os grupos de congado. Diz-se então que a Festa do Rosário está "fervendo"...

**Fio d'água** - local onde a água de um rio corre com aspecto linear, devido à interposição de uma pedra submersa, galho, ou ponta de barranco das margens, sendo via de regra mais impetuosa que a água em derredor.

**Garganta** - passagem em barreira vertical entre duas montanhas, mais ou menos escarpada, sempre estreita. A forma faz analogia à garganta anatômica (orofaringe).

**Grota** - abertura estreita numa encosta, maior que a garganta, ou ao contrário dela, sem constituir uma passagem. Vão num morro, coberto de densa vegetação, sombrio, úmido. Quando a dimensão é maior chamam-lhe grovão. Grota tem o sentido de recôndito, selvagem. É neste contexto que os umbandistas cantam o ponto de um célebre guia caboclo, do qual segue transcrito este fragmento:

(...)  
Ubirajara,  
mora lá nas matas,  
lá na grota funda,  
lá no fim do mundo!"



*Uma pequena grota na Serra de São José, Santa Cruz de Minas. 20/02/2017*

**Lagrimal** - encosta ou porção de terreno com grande quantidade de nascentes muito próximas da qual a água escoar em vários fluxos que depois se unem. Por analogia, é como se uma lágrima escorresse.

**Loca** - pequena caverna; grota entre pedras grandes. Covil, lura. A nomenclatura também é usada para formações semelhantes submersas em rios.

**Mina** - nascente; fonte de água natural.

Noruega - brejo de campo ou brejo de altitude, em oposição ao brejo de baixadas. Alagadiço de partes altas ou de encostas, lugar úmido, sombrio. A argila encontrada nas noruegas é em geral acinzentada, preferida como matéria prima para trabalhos de cerâmica popular por sua resistência. Vasilhames feitos com esta argila não deixam gosto de barro, dizem os oleiros experientes, tais como filtros, talhas e potes. Ao contrário, se usarem a argila de brejo comum (de baixada) o gosto de barro não sai e prejudica a qualidade da peça. Não é rara a pronúncia "norôega". Em Minas Gerais há uma antiga cidade do ciclo do ouro chamada Catas Altas da Noruega, nome oriundo desta nomenclatura tradicional.

**Oca** - (pronúncia aguda, "oca") barranco ou afloramento de latossolo numa encosta, amarelo ou vermelho (o termo piçarra se aplica mais ao latossolo acinzentado).



*Nascente no Brumado de Cima São João del-Rei/MG, 24/07/2009.*

**Olho d'Água** - nascente; fonte de água natural; brota.

**Pirameira** - despenhadeiro, ravina, descida extremamente íngreme e inacessível.

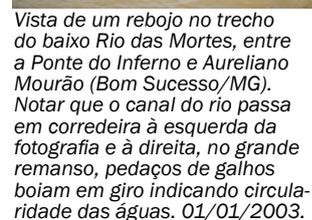
**Praia** - córrego de margens arenosas; ribeiro com acúmulo de areia marginal; praia fluvial. Na região tem-se na toponímia o Córrego do Espriado (São João del-Rei e Ritópolis), Três Praias (São João del-Rei), "Praia" (alunha do Córrego do Lenheiro em São João del-Rei), Prainha (distrito de Ritópolis).



**Rebojo** - área de remanso de um rio onde o fluxo movido por força de águas mais profundas retorna a montante, fazendo um giro das águas. O mesmo que "reboio". Rodeio de águas fluviais.

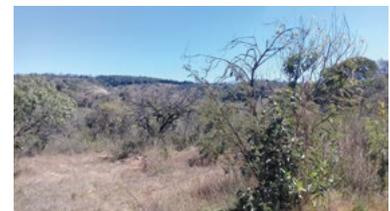
**Restinga** - faixa de vegetação alta entre a vegetação baixa. Entremeio de capoeiras num cerrado.

**Saco** - volta acentuada de um rio, cuja curvatura simula o reencontro dos extremos do fluxo. Na toponímia fixou-se no Rio Grande num distrito de Carrancas/MG: Capela do Saco. A característica que deu nome ao local está hoje submersa na Represa de Camargos. O saco se diferencia da baía por ter uma faixa de terra interna. Próximo à Capela do Saco existe a localidade denominada Baía, no lado são-joanense.



*Vista de um rebojo no trecho do baixo Rio das Mortes, entre a Ponte do Inferno e Aureliano Mourão (Bom Sucesso/MG). Notar que o canal do rio passa em corredeira à esquerda da fotografia e à direita, no grande remanso, pedaços de galhos boiam em giro indicando circularidade das águas. 01/01/2003.*

**Saivá** - área de mato ralo e relativamente alto numa pastagem; "pasto sujo" (arborescente).



*Saivá. Coronel Xavier Chaves, 12/08/2016*

**Sarandi** - matagal; área com ramagem densa, mas árvores de grande porte; terreno como uma capoeira ainda em formação.

**Serrote** - pequena serra, serpinha, serrota. Pequenos morros com blocos rochosos.



*Serrote, no início da Serra de São José. Santa Cruz de Minas. 28/11/2011*

**Sumidouro** - desaparecimento de um fluxo d'água sob a terra; passagem subterrânea de águas fluviais; poço de grande profundidade num rio onde o torvelinho puxa para o fundo, gerando muitos afogamentos.

**Tijuco** - brejo, pântano, atoleiro, paul. É também corrente a grafia "tejuco". Tem outrossim a variante no feminino. Em São João del-Rei existe o Bairro do Tijuco, às margens do Córrego do Lenheiro, outrora obrigando o Caminho Geral do Sertão a passar na parte mais alta (atual Rua Santo Antônio), para sair da área alagada de suas margens; há também o pequeno povoado do Tijuco, no distrito de São Sebastião da Vitória, antiga passagem junto ao atalho do mesmo caminho, surgido no começo do século XVIII a partir de Encruzilhada (hoje Cruzília, no sul mineiro).

## NOTAS E CRÉDITOS

\* Sobre topônimos ver: TOPONÍMIA: UMA EXPRESSÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

\*\* Restinga: igualmente acontece com a palavra "mangue", aqui aplicado a uma espécie arbórea que nasce junto aos cursos de água. Na Serra de São José existe inclusive a "Cachoeira do Mangue", referência a este vegetal. No litoral é uma árvore completamente diferente, que domina áreas salobras sob influência das marés e constitui o elemento preponderante do bioma manguezal.

\*\*\* Vaca moira: bovino com pelagem branca, intermediada por malhas largas em preto e entre elas, salpicados escuros difusos, maculando o fundo branco. Para consultar outras denominações de cores de animais leia neste blog: CARACTERÍSTICAS DOS ANIMAIS

\*\*\*\* Texto e fotografias: Ulisses Passarelli

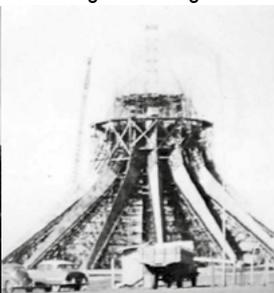
Postado por Ulisses Passarelli às 12:07

## SÃO-TIAGUENSES NOTÁVEIS

# VAVÁ E SEU DOM DE MOTORISTA



Vicente Mendes, um dos são-tiaguenses muito lembrados pela população, era visionário e empreendedor. Admirava o trabalho do presidente do Brasil, o Exmo. Sr. Juscelino Kubistchek e tinha o grande desejo de conhecê-lo pessoalmente e ir até Brasília em sua inauguração. Porém na década de 1960 os recursos ainda não eram dos melhores, mas tinha um caminhão que poderia ser coberta a carroceira e levar outros são-tiaguenses junto com ele ao evento. Assim como gostava muito do Sr. Univaldo Sousa (o Vavá) filho do Paulo Manteigueiro, tão logo entrou em contato com ele. Prontamente Vavá se dispôs a levá-los às solenidades de inauguração em Brasília, pois estava acostumando a fazer longas viagens. Mas disse ao Sr. Vicente que deveriam se preparar, pois Brasília estava muito longe, e demoraria uns 15 dias para chegar. Muitas pessoas criticaram de o Vavá ir como motorista; diziam que ele não tinha estudo e não conseguiria chegar até lá, se



perderiam pelo caminho. Mas Vicente sabia a quem estava delegando o serviço. Vavá era de sua confiança.

Vicente Mendes arrumou o caminhão e o cobriu; levou utensílios, colchões e seguiram para a Capital do país. Calor e frio pelo caminho não atrapalharam os 15 dias pelas estradas até chegarem ao destino. Levou o Sr. Tião da Lôra como cozinheiro, que prontamente fazia as refeições e coava café nas paradas. Apanhavam lenhas pelas estradas em algumas paradas para acender fogo, cozinhar e aquecer a água para tomar banho. Alguns dormiam no caminhão e nas barracas próximas a ele. Ninguém reclamava! O prazer e a alegria de estarem indo a um evento especial do Brasil e representando São Tiago, os animava cada vez mais. Lá estavam felizes e realizados com o passeio que deu tudo certo. Esses homens eram: Vicente Mendes (idealizador), Tonico Belmira, Bebeco, Eugênio Lara, Mário Lara, Cleto, José Cilico, Abel Ferreira, Preste, Ilton Mendes, Antônio Pinto, Zote, Dário Freitas, Tião da Lôra, Rafael Caputo, Vavá, Bento da Arminda, Nego da Conceição, Toniquinho Freitas, Zé Sílvio, Nenem Retratista. Sendo esses os primeiros são-tiaguenses a irem à Capital do país.

Conseguiram ficar em lugar onde assistirem a todas as cerimônias de inauguração de Brasília como capital do Brasil, naquele dia 21 de abril de 1960. Ficaram deslumbrados com a arquitetura moderna concebida pela riqueza de detalhes sob a ótica de Oscar Niemeyer. Capital Federal disposta em formato de avião, com eixo monumental, avenidas amplas com um enorme parque. Na Praça dos Três Poderes grandes instituições que ajudam no governo do país. Muitas obras prontas e outras em acabamento, mas tudo muito grandioso para a ocasião.

O passeio em Brasília foi tão marcante e proveitoso que anos depois o Sr. Vicente já havia comprado a famosa e saudosa jardineira. Agora queria passear no Rio de Janeiro e conhecer o monumento Cristo Redentor. Vavá pegou mais essa empreitada!



Agora com mais conforto indo de ônibus.

Ao chegar próximo ao Morro do Corcovado a subida muito íngreme, logo os passageiros disseram: “Não sobe!” Mas Vavá insistiu: “Vamos, tentar, se não der chegamos a pé!” E deu certo, o ônibus subiu até onde pode, conforme a organização do local permitiu.

O transporte das manteigas do Laticínios Puma era Vavá quem fazia de São Tiago para o Rio de Janeiro. Seguia na segunda e voltava no sábado. Ficava muitos dias nas estradas, pois as rodovias que pouco tinha de pavimentação asfáltica.

Noutro tempo, Sr. Vicente fez uma linha de ônibus que ligava São Tiago e Santa Rita (Ritápolis) a São João del-Rei. Estrada de chão, muito ruim e perigosa. Certo dia, Vavá motorista da jardineira ganhou de sua mãe um quadro de Nossa Senhora Aparecida. Muito devota disse ao filho: “Que Nossa Senhora Aparecida o guarde e proteja em

suas viagens, meu filho!” Vavá pegou o quadro e colocou ao seu lado no ônibus.

Como de rotina, certo dia seguiu para São João às sete horas, quando na descida do caminho velho que passava pela antiga ponte do Rio do Peixe, o ônibus perdeu o freio, soltou a barra de direção e o feixe de molas. Com isso, não foi possível conter o veículo e esse desceu de uma vez, em alta velocidade.

Vavá receoso com o pior grito: “Senhora Aparecida nos ajuda!” Os passageiros começaram a gritar e apavorar-se. Foi inevitável e o ônibus caiu dentro d’água, quase ao lado da antiga ponte. Nessa época o fluxo de água era maior. Lá estavam juntos: dona Tatinha, Dr. Armando, Sr. Maurício Jefferson Pinto, trabalhadores das roças próximas, pessoas que estavam indo consultar, fazer compras em São João. Todos se acidentaram e caíram no rio, felizmente não houve vítimas fatais, apenas alguns com escoriações e arranhões devido ao impacto. Uns ajudando aos outros a saírem da água. Logo depois chegou a notícia em São Tiago: “o ônibus do Vicente caiu no rio”. Todos ficaram em pânico querendo saber onde foi o acidente em qual rio, se no do Peixe ou das Mortes, quem estava no ônibus e tantas outras perguntas... Alguns já temendo receber uma notícia triste de falecimento das pessoas que estavam no ônibus. Mas a fé do motorista na Senhora Aparecida livrou-os de algo pior. O susto foi grande, alguns com pequenas escoriações, somente dona Tatinha com ferimentos mais graves e um senhor que estava indo pra roça com uma foice próximo ao corpo que machucou as mãos. Vavá quando olhou procurando o seu quadro, esse já tinha ido embora na correnteza. Quando acabou de tirar todos dali, tentou ver onde estava o quadro foi encontrá-lo pouco mais à frente boiando. Já havia uma movimentação grande na cidade, quem tinha carro seguiu para lá, pessoas indo a pé para ver o que tinha acontecido. Alívio em saber que fora no Rio do Peixe. Muitas pessoas atribuíram o fato como um milagre por ter salvo e livrado todos de um acidente mais grave. Vavá acreditou em todo tempo que foi um milagre de Nossa Senhora Aparecida.



O próprio pai, Sr. Paulo Manteigueiro, se admirava com o filho Vavá. Não quis estudar, mas tinha vários dons e talentos. Mal sabia ler, apenas escrever o nome, mas tirou a carteira de habilitação e brilhou como motorista. Com pouca instrução conseguiu vencer todos os obstáculos e chegou em Brasília e no Rio de Janeiro.

Vavá foi casado com Iracy Matta de Sousa e tiveram sete filhos: Aparecida, Urival, Tânia, Doraci, Fátima, Adson e Flávia. Faleceu em 26/10/1992 deixando muitas saudades em seus familiares e amigos.

Marcus Santiago - Membro do IHGST